

EDUCAÇÃO EM SAÚDE COM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL:
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sandra de Azevedo Pinheiro¹
Rosa Maria Stefanini de Macedo²
Pollyana Cristina dos Santos Ferreira³

Resumo: Objetivo: Articular noções de Saúde Coletiva e de Ecologia do Desenvolvimento Humano em disciplina curricular de ensino universitário. **Métodos:** Práticas interativas entre crianças em idade escolar e acadêmicos de Medicina e Nutrição através de projeto entre Universidade Federal e uma escola municipal de ensino fundamental, no período de 2008 a 2011. Em ciclos de três encontros repetidos semestralmente, formaram-se duplas entre acadêmicos e crianças de seis a doze anos para elaborar desenho livre, ilustrar frases e participar de atividades educativas com teatro, histórias, canto e dança. A avaliação processual e contínua do aprendizado teórico-prático dos universitários era acrescida de depoimento de professores e diretores da escola de ensino fundamental quanto ao impacto do projeto entre as crianças, seus familiares e a comunidade escolar. **Resultados:** Ocorreu aprendizado sobre determinação social do processo saúde-doença e desenvolvimento de habilidades relacionais entre acadêmicos universitários; observou-se mudança favorável de humor, capacidade de atenção, concentração e de formas de conviver em sala de aula entre os escolares participantes do projeto. **Conclusões:** Conceitos de Ecologia do Desenvolvimento Humano contribuem com a Saúde Coletiva para estruturar trabalhos comunitários com crianças e podem constituir bibliografia em disciplinas de graduação para estudantes universitários.

¹ Prof adjunto Departamento de Medicina Social – Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: sapmg@terra.com.br

² Professora titular Departamento de Psicologia Clínica da PUC São Paulo. E-mail: romacedo@pucsp.br

³ Mestre, Doutoranda do programa de pós-graduação em Atenção a Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: pollycris21@bol.com.br

Palavras-chave: Saúde da criança; Promoção da saúde; Universidades; Desenvolvimento humano; Educação em saúde.

Abstract: Objective: To articulate notions of Public Health and Ecology of Human Development in the discipline of university curriculum.

Methods. Interactive practices among school children and scholars of Medicine and Nutrition through project between Federal University and a municipal elementary school in the period 2008 to 2011 in three cycles repeated every six months meetings were formed double between academics and children six to twelve years to develop free drawing illustrating sentences and participate in educational activities with theater, stories, singing and dancing. The procedural and continuous evaluation of theoretical and practical learning of university was increased by the testimony of teachers and principals in elementary school about the impact of the project between the children, their families and the school community. **Results:** There was learning about social determination of health care and the development of relational skills among university academic process; observed favorable change in mood, attention span, concentration and ways to live in the classroom among students participating in the project. **Conclusions:** Concepts of Ecology Human Development contribute to structure the Public Health Community work with children and can provide references on undergraduate courses for college students.

Keywords: Child health; Health promotion; Universities; Human development; Health education.

Introdução

A condição social das crianças brasileiras está entre os temas essenciais na área de saúde, particularmente devido a submissão de grande parte da população a condições de pobreza, exclusão social e exposição a diversos riscos a saúde sem a necessária condição para se defender, o que denota uma situação de vulnerabilidade social (Ayres, 2006).

O compromisso das instituições universitárias com o enfrentamento de problemas da população brasileira reflete-se em sua produção de conhecimentos, na extensão de serviços à comunidade e na preparação de futuros profissionais, através

da oferta de cursos de ensino superior. Na área de Saúde Coletiva, essa temática é geralmente discutida com acadêmicos em disciplinas curriculares que, muito comumente, são ministradas com predomínio de carga horária teórica e em ciclos básicos de ensino, o que retarda a participação dos universitários em cenários onde possam ter contato direto com pessoas e seus problemas de saúde e de vida. Entretanto, as demandas da comunidade, particularmente as situadas em condição de pobreza e poucos recursos de acesso a serviços essenciais, batem às portas dos meios acadêmicos, trazendo os desafios para uma nova postura, um repensar das teorias e a adequação de novas propostas de práticas pedagógicas (Rego, 2001).

A disciplina de Saúde e Sociedade ministrada por docentes da Universidade Federal do Triângulo Mineiro tem sido redirecionada para contemplar os aspectos teóricos que problematizem a determinação social do processo saúde-doença e também para atuar, em contextos locais, no sentido de dar respostas reais em tempo presente a demandas de sofrimento e de carências de comunidades específicas (Cavalcanti et al, 2009). Nesse sentido, procura articular alunos de cursos de saúde a projetos de pesquisa e extensão que tenham caráter participativo e reflexivo.

No campo teórico, há vasta literatura para fundamentar as ações em comunidade (Vasconcelos, 2004). Na abordagem específica com crianças em desenvolvimento físico e psicossocial, entre renomados autores e escolas disponíveis (Rego, 2007), pode-se encontrar um importante respaldo teórico para áreas como Psicologia e Educação. Entretanto, cursos da área da saúde como Medicina e Nutrição, historicamente fundamentados no pensamento biológico, precisam ser enriquecidos com contribuições teóricas que fundamentem práticas em comunidade onde há abordagem dos indivíduos caracterizada por interatividade e intersubjetividade, em relação humana que ultrapassa o formato do modelo clínico. Necessitam ainda encontrar literatura que ofereça também apoio teórico para efetivar práticas na abordagem ecológica, pois, um enorme desafio contemporâneo das sociedades é a preservação dos ambientes saudáveis. Dessa forma, a relação entre ambiente e saúde nos currículos dos diversos cursos, incluindo graduação e pós-graduação, é tema obrigatório para

promover a responsabilização dos futuros profissionais no exercício da cidadania, com compromisso com as condições de existência do planeta e com a qualidade de vida (Siqueira-Batista, 2009).

O objetivo do presente texto é relatar a experiência do módulo referente a Saúde da Criança existente dentro da disciplina de Saúde e Sociedade, que procura articular aspectos teóricos de Saúde Coletiva e da Ecologia do Desenvolvimento Humano com atividades de atendimento a uma comunidade constituída de trabalhadores de uma escola pública municipal, crianças matriculadas de seis a doze anos e suas famílias.

A contribuição do pensamento ecológico e sistêmico

Entre os pesquisadores que aplicam o conceito de ecologia para considerar as relações ampliadas do homem com a natureza e dos seres humanos em sua complexidade relacional, destaca-se Urie Bronfenbrenner(1996). Para esse autor, os ambientes não são distinguidos em termos de sua estrutura, descritos em suas variáveis lineares, mas são analisados em termos de sistema.

O sistema caracteriza-se, segundo Bertalanffy (2009), pelos seguintes elementos constitutivos: são totalizantes ou globalizantes; o todo é mais que a soma das partes; os membros de um sistema se organizam em torno de significados comuns e das relações de interdependência e o sistema tem capacidade de auto-proteção, auto-equilíbrio e desenvolvimento próprio. Os sistemas humanos são complexos e são geradores de significados diversos, decorrentes de diferentes tradições linguísticas, culturais, familiares, étnicas, sociais e econômicas. Assim pensando, deve-se compreender uma comunidade como uma teia de inter-relações que se tecem e entretecem em movimento dinâmico e constante.

Segundo Bronfenbrenner (1996), para realizar o estudo de um sistema, deve-se incluir o sistema interpessoal de todas as pessoas ali presentes, inclusive o investigador. É também fundamental compreender o processo de acomodação progressiva entre um ser humano em crescimento e seu meio ambiente, bem como a maneira pela qual essa relação é mediada

pelo meio físico e social. Nos diferentes sistemas, o desenvolvimento de uma pessoa é uma função da variedade e complexidade das atividades realizadas por outros (ou seja, sem a participação direta do observador) que se tornam parte do campo psicológico da pessoa, ou por envolvê-la numa participação conjunta ou por atrair sua atenção. Além disso, quando duas pessoas participam de atividade conjunta, é provável que desenvolvam sentimentos mais diferenciados e duradouros entre si. Quando duas pessoas prestam atenção às atividades da outra, é provável que se empenhem juntas nessas atividades.

Goldberg, Yunes e Freitas (2005) utilizam essa abordagem teórica para observação e análise de desenhos infantis. Para esses autores, a questão ecológica reside não só nas interações dos/entre indivíduos a partir de sua habitação nos ambientes geográficos, mas também nas dinâmicas relações entre os mais variados espaços mentais e sociais. Consideram que, em sociedade, estamos em constante crescimento psicológico a partir das relações de reciprocidade, sentimento afetivo positivo e equilíbrio de poder que ocorrem entre pessoas e pessoas e seus ambientes. Uma pessoa é uma entidade em crescimento e está se desenvolvendo constantemente, a partir das relações de reciprocidade criadas entre ela e os diferentes ambientes que habita. O desenho produzido por crianças é observado como um importante meio de comunicação e representação, pois, a partir dele ocorrem a expressão de idéias, sentimentos, percepções e descobertas. Para a criança, o desenho é muito importante, é seu mundo, sua forma de transformá-lo, seu meio de comunicação mais precioso. Para educadores e outros profissionais de saúde, o desenvolvimento das crianças em seus ambientes requer a construção de contextos favorecedores para o desenvolvimento dessas habilidades em ambientes abertos e mais complexos (como por exemplo, escolas e outros espaços de convivência infantil), onde emergem, muito frequentemente, as consequências da pobreza, exclusão social e outras dificuldades existenciais que culminam em uma situação de vulnerabilidade social.

Abramovay et al. (2002) postulam que vulnerabilidade social corresponde ao resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de

oportunidades sociais, econômicas e culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho na vida e a mobilidade social desses atores está relacionada com o maior ou menor grau de qualidade de vida das pessoas.

Ayres (2006) considera que o conceito de vulnerabilidade social deve ser usado em contraposição ao de grupos de risco, pois, enquanto a noção de grupos de risco tende a individualizar e personificar a adversidade vivida (seja o uso de droga, a AIDS, entre outros), relacionando-a simplesmente a uma questão de conduta, a perspectiva de vulnerabilidade social remete à condição de vida e aos suportes sociais. Segundo esse autor, no caso da população infanto-juvenil, a vulnerabilidade está associada a, por exemplo, falta de garantia dos direitos e oportunidades nas áreas de educação, saúde e proteção social, o envolvimento com drogas e com situações de violência (doméstica e comunitária), situação de rua, trabalho infantil, dentre outras.

Essas bases teóricas fundamentaram uma prática de ensino e extensão voltada a promover saúde de crianças e a aproximar estudantes universitários de atividades comunitárias que problematizem e suscitem reflexões sobre determinação social do processo saúde-doença.

Método: construindo contextos para interação e desenvolvimento

O projeto desenvolveu-se a partir de uma atividade integrada entre uma universidade pública federal, em Minas Gerais, e uma escola municipal de primeiro e segundo graus, que está anexa a três casas lares e a um centro de convivência que atende crianças, em período integral, na faixa etária entre seis a doze anos. O trabalho seguiu as seguintes etapas: observar o ambiente e as pessoas; interagir com as crianças, professores, merendeiras e outros trabalhadores presentes no local das práticas; avaliar o aprendizado acadêmico, a participação e a manifestação de satisfação/insatisfação das crianças e discutir os resultados do trabalho com professores e diretoria da escola, em reuniões semestrais.

A equipe universitária constituiu-se de classes compostas de trinta a quarenta acadêmicos de primeiro período dos cursos

de graduação de Nutrição e quarenta do curso de Medicina, supervisionados diretamente por docente da disciplina Saúde e Sociedade. Eram formadas duplas de trabalho entre uma criança e um acadêmico para interagir durante atividades que incluíam colagens, contação de estórias, desenho, danças, gincanas e formação de rodas de conversa. Foram confeccionados desenhos referentes a frases retiradas da leitura de um texto resumido sobre autoestima (BRANDEN, 1997).

Os locais desses encontros variaram entre a sala de reuniões, a biblioteca, salas de aula e o refeitório da escola quando não estava ocupado. Nesses locais de trabalho estavam presentes também a professora responsável pela disciplina acadêmica e, eventualmente, uma supervisora pedagógica e uma auxiliar de serviços gerais.

A seleção das crianças participantes foi realizada pela diretoria da instituição, por conhecer a história familiar e a situação escolar de cada criança. Muitas professoras também solicitaram, por escrito, a inclusão de outros alunos, observados por elas em sala de aula e considerados necessitados dessa nova modalidade de atenção oferecida pela universidade. Essa demanda era acolhida sempre que não ultrapassasse o número máximo de trinta crianças no grupo de alunos da Nutrição e 40 no grupo de Medicina.

Para contar histórias seguidas de reflexão em grupo, foram selecionados textos infantis encontrados na obra de Pons e González (2010) que trazem, em seu conteúdo, um elenco de valores para a convivência humana, tais como: Paciência, Persistência, Prudência, Respeito, Sinceridade, Confiança, Diálogo, Tolerância, Criatividade, Cooperação, Liberdade, Justiça, Compaixão, Generosidade, Amizade, Civilidade, Responsabilidade, Paz e Alegria.

Os universitários foram requisitados a exercer limites a partir do próprio uso de seu corpo como, por exemplo, fazer silêncio ao adentrar uma instituição escolar em horário cujas aulas já estão em pleno andamento e onde as classes situam-se a pequena distância entre si. Em outros instantes, solicitou-se desprendimento de muita energia e liberação da expressão corporal em atividades de dança, canto, gincanas e folguedos outros que exigem agilidade e muito movimento. Foram orientados ainda para, durante a interação com as crianças; evitar movimentos geradores de risco de quedas ao solo e para

respeitar aquelas que sinalizassem qualquer forma de repúdio ao contato físico porque é frequente, naquela comunidade, a ocorrência de casos de pessoas traumatizadas por terem sofrido abuso sexual e físico.

Após cada atividade, eram realizadas reflexões com a equipe de acadêmicos e, semestralmente, com as professoras e diretoras da escola municipal. Firmava-se o compromisso ético de não comentar em outros ambientes os fatos e pessoas envolvidas no projeto e não expor imagens em veículos de comunicação.

Ao final de cada semestre, avaliamos o resultado do trabalho colhendo depoimentos em reuniões de diretoria. Foi ainda confeccionada uma cartilha contendo o referencial teórico-metodológico do projeto, desenhos e depoimentos das crianças, que foi distribuída em reunião de pais ao final do ano letivo.

Resultados

No período compreendido entre fevereiro de 2008 a novembro de 2011, foram envolvidos, nas atividades interativas semestrais, 560 acadêmicos dos cursos de graduação de Medicina e Nutrição e 24 grupos de crianças de seis a doze anos.

Foram observadas diferentes manifestações favoráveis à execução do projeto e aos seus resultados. Os depoimentos das professoras sempre apontavam para a melhora da sociabilidade dos alunos, evidenciada no humor no trato interpessoal, na cordialidade e em manifestações de mais calma e capacidade de prestar atenção no outro. Em sala de aula, apresentavam mais disposição e atenção aos temas das aulas.

Com o tempo, as professoras chegaram a organizar filas de espera de alunos candidatos para participarem do projeto. Em decorrência desse interesse, a instituição destinou um espaço físico maior e com mais disponibilidade de tempo durante todos os dias da semana, aguardando a ampliação de nossas atividades.

As famílias das crianças exerceram comentários espontâneos, no ambiente de convivência escolar e também em reuniões de pais, sobre o interesse e alegria da criança, os

produtos artesanais e os conteúdos das dinâmicas desenvolvidas com elas.

O envolvimento dos acadêmicos nas atividades ocorreu de forma crescente, com maior ênfase na parte prática. Em muitas oportunidades, ao lado das crianças ocupadas com seus desenhos, os acadêmicos também desenhavam, como se se transportassem para o lugar das crianças, trabalhando a si mesmos, seus sentimentos, valores, expectativas, podendo dar vazão a aspectos de sua subjetividade, muitas vezes relegados durante sua formação básica ou clínica. As avaliações escritas pelos universitários apontavam para a pertinência do aprendizado da relação de determinação social do processo saúde-doença e para a percepção da ampliação de suas habilidades pessoais para o convívio em sociedade e com crianças, em particular.

No currículo universitário, houve ampliação desse módulo nas disciplinas de Saúde e Sociedade oferecidas também aos alunos dos cursos de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Em Medicina, até o presente momento, muitos acadêmicos sustentam a sugestão de aumento de carga horária para essas atividades.

Como avaliação negativa ao projeto, alguns depoimentos de professoras acusavam a ocorrência de problemas na saída da escola quando uma criança participante exibia algum produto artesanal, decorrente da atividade, para outras crianças não participantes, que se sentiam excluídas e, em alguns casos, desencadeavam discussões e disputas corporais.

Discussão

O aprendizado dos acadêmicos, nesse cenário, decorre da oportunidade de realizar atividades práticas de extensão fora do cenário ambulatorial, hospitalar ou da sala de aula tradicional (Rego, 2001). O novo cenário auxilia a voltar o olhar para fora da universidade, o que lhes dá a oportunidade de perceber e valorizar a importância da aplicação dos conceitos e das teorias no contexto social onde vão atuar. O envolvimento pessoal dos acadêmicos com toda a comunidade escolar e com as brincadeiras em si configura-se como uma postura de alguém que, naquele momento, passa a fazer parte daquele mundo

escolar e é compreendida pela teoria sistêmica que legitima a participação do pesquisador como membro do sistema em observação (Grandesso, 2006), antes mesmo de estar presente nele, mas a partir da forma de concebê-lo.

Os universitários interagiram com trabalhadores da escola e membros na comunidade ali presentes, não só com vistas à organização das atividades, mas também para aprender a reconhecer e confirmar a visibilidade de pessoas que, muitas vezes, são ignoradas como membros importantes do sistema em interação. Essa proposição, na formação de profissionais de saúde, conduz na direção de incentivá-los a dialogar com pessoas que participam da vida de seu cliente mais imediato, como as famílias, os pedagogos, líderes da comunidade, entre outros, o que não é devidamente enfatizado em modelos de educação tecnicista, que muitas vezes enfatiza apenas a atenção ao corpo humano ou a fragmentos dele (Nunes, 2013).

Nos aspectos afetivos, a interação com crianças estimula o desenvolvimento e expressão de sensibilidade, empatia e amorosidade (Maturana, Verden-Zöller, 2004).

As práticas fortalecem as relações interpessoais quando explicitam o efeito positivo da atenção dos adultos, do compartilhamento de atividades conjuntas e do enriquecimento do cenário de atividades no desenvolvimento das crianças.

Estimulam a articulação diferentes sistemas, o que resulta em uma atitude que inclui, para a convivência, os diversos profissionais e setores de trabalho existentes no cenário de práticas, o que desaliena as pessoas que costumam observar apenas seu campo restrito de ação técnica.

Propõem a promoção da autonomia progressiva das pessoas em desenvolvimento, com gradual deslocamento do poder em favor delas, o que desconstrói a postura autoritária de centralizar o poder de decisão no professor, adotada nos modelos de ensino-aprendizagem baseados na educação bancária (Freire, 1983).

Trazem à tona os aspectos afetivos decorrentes da interação entre as pessoas e até mesmo da observação de uma pessoa em relação ao que a outra está realizando, o que alerta para a responsabilidade individual de seu comportamento dentro dos sistemas.

Apoiam a busca de recursos para a diversificação dos cenários de prática e estimula o encontro com crianças em

seus contextos de vida. Incluem a percepção de ambiente em aspecto relacional e não apenas ambiente físico. Requistam a necessidade de trabalhar atitudes pessoais e valores humanos compartilhados.

Estimulam uma postura ética para proteger pelo sigilo, associada a compreensão da força dos fatores macroestruturais na determinação da qualidade de vida das pessoas, e fugir da atitude de mera vitimização ou culpabilização dos indivíduos.

Despertando o olhar respeitoso para a presença até então de pessoas invisíveis no sistema, facilitam uma visão ampliada que compreende a organização de microsistemas articulada e determinada por características macroestruturais, propondo a necessária compreensão de conjunturas políticas, sociais e das políticas públicas que se referem ao contexto particular observado

Ajudam a perceber a influência de situações de risco que levam a vulnerabilização das pessoas (Ayres, 2006; Sotero, 2011) como violência, desemprego, pobreza, discriminação social, doenças crônico-degenerativas, ausências e demantelamento do núcleo familiar advindos de detenção policial, morte violenta e criminalidade. Tornou-se possível associar, a partir de uma vivência concreta e de elaboração do raciocínio, elementos micro e macroestruturais (Bronfenbrenner, 1996) que determinam a condição de vida daquela comunidade escolar.

Favorecem, enfim, uma percepção ecológica que destaca o ser humano relacional, referindo-se às suas condições de sobrevivência e à qualidade das relações estabelecidas entre pessoas em seu contexto imediato, contribuindo, portanto, para um pensamento que, além de considerar os determinantes macroestruturais, também destaca as condições de conexão das pessoas como elemento essencial na formação da sociedade.

Considerações Finais

A experiência em ensino e extensão com universitários e alunos do ensino fundamental aponta que conceitos de Ecologia do Desenvolvimento Humano podem ser pertinentes e úteis para o trabalho comunitário com crianças em situação de vulnerabilidade social.

A leitura crítica da obra de Urie Bronfenbrenner, aliada à contribuição de vários outros autores que se dedicaram ao desenvolvimento da criança e a projetos comunitários, parece-nos recomendável para docentes e profissionais que se dediquem a promover qualidade de vida de crianças em suas comunidades e estão comprometidos com a formação de recursos humanos para atuar em qualquer área, mas, especialmente, os direcionados para a prestação de serviços nas áreas de saúde.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A.L.; CALAF, P.P.; CARVALHO, L.F.DE; CASTRO, M.G.; FEFFERMANN, M.; NEIVA, R.R.; MACIEL, M. *Gangues, gênero e juventude: donas de rocha e sujeitos cabulosos*. Brasília: Kaco Ed., 2010.

AYRES, JRCM; CALAZANS, GJ; SALLETTI FILHO, HC; FRANCA-JUNIOR, I. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: CAMPOS, GWS; MINAYO, MCS; AKERMAN, M; DRUMOND JÚNIOR, M; CARVALHO, YM. *Tratado de saúde coletiva*. Rio de Janeiro, Hucitec; Fiocruz, 2006.p 375-417.

BERTALANFFY, L. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRONFENBRENNER, U. *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CASTRO, M A. Ecologia: a cultura como habitação. In: Soares, A (org). *Ecologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

CAVALCANTE, L.I.C.; MAGALHÃES, C. M.C.; PONTES, F.A.R. Processos de saúde e doença entre crianças institucionalizadas: uma visão ecológica. *Ciênc. saúde coletiva*; 14(2): 615-625, mar.-abr. 2009.

FREIRE, P. *Educação Como Prática da Liberdade*. 14a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOLDBERG, L.G.; YUNES, M A M.; FREITAS, J. V. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. *Psicologia em estudo*, v 10; n 1, 1 sem 2005.

GRANDESSO, M. *Sobre a Reconstrução do Significado – Uma Análise Epistemológica e Hermenêutica da Prática Clínica*. São Paulo: Casa do

Psicólogo, 2006.

MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MINAYO MCS. Saúde e ambiente no processo de desenvolvimento. *Ciência e Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. v 3, no 2, 1998, p.p. 4-5.

NUNES, E.D. O pensamento social em saúde na América Latina: revisitando Juan César García. *Cad. Saúde Pública*, v.29, n.9, Rio de Janeiro, 2013.

PONS, P.; GONZALEZ, I.L. *Valores para a Convivência*. São Paulo: Ciranda Cultural Ed., 2010.

REGO, T.C. *Vygotsky - Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

REGO. S. T. A. Saindo da adolescência com a vida (dos outros) nas mãos: estudo sobre a formação ética dos estudantes de Medicina. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. v.5, n.9, 2001.

SIQUEIRA-BATISTA, R.; RÔÇAS, G.; GOMES, A. P.; ALBUQUERQUE, V. S.; ARAÚJO, F. M. B.; MESSEDER, J. C. Ecologia na formação do profissional de saúde: promoção do exercício da cidadania e reflexão crítica comprometida com a existência. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Rio de Janeiro, v. 33, n 2, 2009.

SOTERO, M. Vulnerability and vulneration: street population, an ethical issue? *Rev. bioét (Impr.)* 2011; v. 19, n.3, p.799.

VASCONCELOS, E.M. Educação Popular: de uma Prática Alternativa a uma Estratégia de Gestão Participativa das Políticas de Saúde. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v 14, n 1, p. 67-83, 2004.

WINNICOTT, D. *Pensando sobre crianças*. Trad. de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Recebido em: 20/02/2014 - Aceito em: 02/06/2014